

**“MEMÓRIAS DO SUBSOLO”: UM EXPERIMENTO FILOSÓFICO-PSICOLÓGICO
COM A LIBERDADE**

[“NOTES FROM UNDERGROUND”: A PHILOSOPHICAL-PSYCHOLOGICAL
EXPERIMENT WITH FREEDOM]

Robson Costa Cordeiro

robsoncordeirofil@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7890-0111>

Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Possui Bacharelado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2000), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (2002), doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008) e pós-doutorado em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018). Atualmente é Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Desenvolve estudos com o pensamento de Nietzsche e Heidegger, atuando nas áreas de metafísica, fenomenologia, hermenêutica e estética. Dentro dessas áreas, trabalha com os seguintes temas: Verdade, linguagem, arte, crítica à metafísica e à subjetividade moderna. É também coordenador do grupo de pesquisa "Leituras de Nietzsche e Heidegger". Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Mestrado) da UFPB no ano de 2016 e também no período de abril de 2020 a junho de 2021.

DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7890](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7890)

Recebido em: 3 de fevereiro de 2026. Aprovado em: 10 de março de 2026

Caicó, ano 18, n. 2, 2025, p. 291-310
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7890](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7890)
Dossiê Edmund Husserl - Fluxo Contínuo



“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

Resumo: O artigo procura desenvolver uma reflexão sobre a liberdade na novela “Memórias do Subsolo”, considerando a crítica feita por Dostoiévski ao egoísmo racional de Tchernichévski e procurando examinar os pressupostos filosóficos e psicológicos desta crítica, que nos levam a pensar a respeito dos fundamentos da vontade humana, que deseja não apenas o útil e o vantajoso, que em certo sentido são bastante louváveis, mas, sobretudo, deseja aquela que é considerada por Dostoiévski como a maior de todas as vantagens, que consiste também em poder querer aquilo que vai contra tudo o que seria vantajoso para o homem e que será pensado por ele como sendo “a vontade *independente*”, o que nos permite pensar a relação de familiaridade e parentesco, o “instinto de consanguinidade”, com aquilo que Nietzsche pensou com a expressão “vontade de poder”.

Palavras-chave: Dostoiévski. Tchernichévski. Nietzsche. Liberdade. Vontade.

Abstract: This article seeks to develop a reflection on freedom in the novella "Notes from Underground," considering Dostoevsky's critique of Chernyshevsky's rational egoism and examining the philosophical and psychological presuppositions of this critique, which lead us to think about the foundations of the human will, which desires not only what is useful and advantageous, which in a certain sense are quite laudable, but, above all, desires what Dostoevsky considers the greatest of all advantages, which also consists in being able to desire that which goes against everything that would be advantageous for man and which he will think of as "the independent will," allowing us to consider the relationship of familiarity and kinship, the "instinct of consanguinity," with what Nietzsche thought of with the expression "will to power."

Keywords: Dostoevsky. Chernyshevsky. Nietzsche. Freedom. Will.

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

“Memórias do Subsolo”, publicado em 1864, ano em que a primeira esposa de Dostoiévski encontrava-se muito doente em seu leito de morte, é considerado o seu romance filosófico por excelência, marcado por uma profunda reflexão sobre as profundezas da consciência, a relação entre a liberdade e o determinismo, a ação e a impotência do agir, caracterizadas, sobretudo, pelo conflito entre a razão e a vontade. Em sua primeira parte, intitulada “O Subsolo”, a obra apresenta um tom acusatório do protagonista contra si mesmo, afirmando ser um homem na casa dos seus quarenta anos, doente, mau, desagradável, que sofre do fígado, agora aposentado, mas que era antes um funcionário maldoso, grosseiro, que encontrava prazer na sua própria maldade. O curioso, contudo, era que ele tinha a consciência de que não era uma pessoa má nem raivosa, mas que apenas se divertia assustando passarinhos, consistindo nisso a sua maior ignomínia.

O tom acusatório, contudo, também é dirigido aos seus adversários, os acusados, os “senhores” a quem ele se dirige e que são os homens marcados pelo otimismo científico e pelo utilitarismo, pela crença de que a razão e a ciência poderiam conduzir o homem à construção de uma sociedade perfeita. Ademais, a crítica é também dirigida à lógica, à aritmética, ao “dois e dois são quatro”, à concepção euclidiana da existência. Neste sentido, o tom presente na obra é de antagonismo entre a acusação contra si mesmo como homem ordinário, vulgar, mas, ao mesmo tempo, contra a concepção euclidiana da existência daqueles que ele acusa, o que acaba por revelar no homem do subsolo uma profunda acuidade filosófica, destacando-o exemplarmente do homem do senso comum.

Em sua segunda parte, “A Propósito da Neve molhada”, o protagonista descreve algumas peripécias de sua juventude, sendo algumas delas permeadas de galhofa, outras de ressentimento, do desejo de vingar-se imaginariamente, como acontece no caso do desejo de vingar-se do oficial que o pegou pelos ombros, retirando-o do lugar em que se encontrava atrapalhando a passagem, sem sequer o notar, tratando-o assim, conforme ele mesmo descreve, como se fosse uma mosca. No entanto, na descrição do caso da prostituta Liza, que acontece no final da obra, o caráter mordaz e crítico do protagonista acaba reverberando em crueldade e torpeza, desaguando ainda no desespero e no remorso. É nesta mixórdia tempestuosa de ideias e sentimentos que Dostoiévski vai descrevendo o personagem, procurando mostrar como nele vai se estruturando o desenvolvimento de suas ideias e seus afetos.

É importante, contudo, aqui destacar, que ideias e afetos (paixões, sentimentos) não se referem a dois domínios distintos, um da razão e outro do corpo, das emoções, dos sentidos. As paixões são para Dostoiévski o incorporar-se das ideias, o seu tornar-se carne e sangue, vida. Do mesmo modo, as ideias são o vir à superfície das paixões, o modo do dar-se conta delas por parte do homem. Ideias e paixões, não são, portanto, coisas que se oponham umas às outras. As ideias são o aspecto visível e inteligível das paixões; as paixões são o aspecto sensual e sensível das ideias, uma remetendo à outra em mútuo pertencimento. Procuraremos tornar isto mais claro adiante, a partir da análise do conteúdo mais propriamente filosófico do texto.

Dizer que se trata de um romance filosófico não significa dizer que Dostoiévski tenha escrito com ele um tratado de filosofia, no sentido canônico do termo, com conceitos bem formulados e desenvolvidos, com análise ontológica, analítica, fenomenológica ou hermenêutica dos fundamentos, somente para destacar alguns dos possíveis “métodos”, e também com o desenvolvimento das ideias por meio de argumentações racionais. A filosofia em Dostoiévski se apresenta de outro modo: Com ele o desenvolvimento das ideias filosóficas aparece na descrição da vida e das ações dos personagens, como aquilo que os conduz à ação ou inação, que os leva ao declínio, a sucumbir e afundar ou então a crescer e redimir-se. Essas ideias, contudo, não são para ele simples formulações teóricas, racionais ou lógicas. Antes, elas se tornam, melhor dizendo, elas são, nos personagens, vida, afeto, humor, *pathos*, como aquilo que os move e impulsiona a vir a ser. Elas são, nos mais diversos personagens, os seus motivos, os seus quereres, a sua vida e a sua

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

morte. É assim que Dostoiévski filosofa, seja aqui em “Memórias do Subsolo” ou ainda nos outros grandes romances de maturidade, como “Crime e Castigo”, “O Idiota”, “Os Demônios” e “os Irmãos Karamázov”.

O nosso propósito é examinar as ideias filosóficas da obra através do desenvolvimento que elas provocam no curso dos acontecimentos da vida dos personagens. E em “Memórias do Subsolo” o leque de ideias é farto, mantendo estreita relação, muitas vezes, com as ideias desenvolvidas por grandes pensadores, como Kant, Hegel, Nietzsche, Heidegger e Camus. Os testemunhos de autores que mostram a importância filosófica e psicológica de Dostoiévski são muitos. Para tentar contextualizar isto melhor vejamos dois deles, que consideramos dos mais importantes:

Gide mostra que Dostoiévski, quando escreve em “Diário de um Escritor”, ou seja, quando ele próprio é o autor de suas ideias, não é propriamente um pensador. Pareceria simples, mostra Gide, ler os artigos que ele escreveu e que foram reunidos nessa obra para então poder ter acesso ao Dostoiévski pensador, filósofo. No entanto, segundo Gide, isso não ocorre, pois, segundo ele, esse livro é enganoso. Na verdade Dostoiévski é pensador quando é romancista, quando escreve os seus romances e mostra o desenvolvimento das ideias nos personagens. Em “Diário de um Escritor” o tom algumas vezes é mais jornalístico, a crítica é mais de natureza social e política, com previsões sobre o futuro da Europa que na verdade não se concretizaram. No entanto, apesar do que expressa em seu “Diário”, os problemas que interessam mais propriamente a Dostoiévski são os problemas morais, individuais, psicológicos, filosóficos, que aparecem decisivamente nos seus grandes romances. As ideias que aparecem em suas obras permanecem frequentemente em um estado de problemas e interrogações, em uma série de questões que se mesclam, permanecendo muitas vezes em um estado obscuro. Gide então considera que,

...por fim, para ser franco, Dostoiévski não é, a rigor, um pensador; ele é um romancista. Suas ideias mais acalentadas, mais sutis e mais inovadoras devem ser buscadas nas palavras de seus personagens, e nem sempre nas de seus protagonistas: acontece frequentemente que as ideias mais importantes, mais ousadas, são atribuídas a personagens secundários. Dostoiévski não poderia ser mais desajeitado quando fala em seu próprio nome. (GIDE, 1970, p. 86)

Apesar disso, no entanto, Gide reconhece no “Diário de um Escritor” os seus méritos, pois nesta obra Dostoiévski “nos permite, em duas ocasiões, testemunhar o trabalho quase involuntário, quase inconsciente de fabulação em seu espírito.” (GIDE, 1970, p. 87) Este trabalho ocorre a partir das observações feitas por ele dos transeuntes nas ruas de São Petersburgo. Estas observações o levam, a partir do que ele vê, a elaborar as suas histórias, a fabular, a inventar. No entanto, a obra, em Dostoiévski, não nasce, segundo Gide, só da observação do real. Tampouco só da mirada da ideia. Nasce da mistura de ideia e fato, sem que nenhum dos elementos prevaleça sobre o outro, “de modo que as cenas mais realistas de seus romances são também as mais carregadas de significado psicológico e moral; mais precisamente, cada obra de Dostoiévski é o produto de uma fertilização do fato pela ideia.” (GIDE, 1970, p. 90) Mas qual seria o sentido aí do psicológico? Ao observar o real o que estaria Dostoiévski propriamente vendo? Para tentar responder esta questão precisamos refletir sobre a natureza da “visão psicológica”.

Nietzsche nos dá um importante testemunho sobre isto em “Moral para Psicólogos”:

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

Não desempenhar nenhuma psicologia barata! Nunca observar por observar! Isto dá uma falsa ótica, uma vesguice, algo forçado e desmesurante... um psicólogo nato protege-se instintivamente do ver por ver; o mesmo vale para o pintor nato. Ele nunca trabalha ‘segundo a natureza’— ele abandona ao seu instinto, à sua *camera obscura* o transpassamento e a expressão do ‘caso’, da ‘natureza’, do ‘vivenciado’... (NIETZSCHE, 2000, §7, p. 69)

O que seria observar por observar, ver por ver? Trata-se, nesse caso, segundo mostra Nietzsche, de trazer à noite para casa a mão cheia de efetividade, de curiosidades, das trivialidades do dia-a-dia que foram observadas e registradas na memória. Nesse caso apenas se observou o caso concreto, objetivo, factual, sem o devido transpassamento do olhar, que viola a “natureza”, elevando-a, ultrapassando-a. Só aí pode haver transcendência, a elevação do olhar que não ver por ver, mas que perscruta os motivos, os afetos, os humores, que fundamentam os fatos, as ações, a vida e a história do homem. É importante ver que este ultrapassar não significa abandonar, deixar para trás o fato; antes significa trazê-lo junto, enriquecendo-o e fecundando-o com o instinto, a *camera obscura*, que o torna vivenciado, ou seja, o torna uma vivência própria para aquele que o experimenta. O fato meramente observado satisfaz apenas a curiosidade, e o curioso, que no alemão é *Neugier*, é o que tem avidez, concupiscência, ânsia e cobiça pelo novo, mas no sentido do que apenas quer ver continuamente, sem mirar e deter-se naquilo que vê.

Decerto, é claro, que podemos pensar também em outro sentido para a curiosidade bem diferente deste, perpassado por aquilo que os gregos chamaram de *espanto* diante do real, do mundo, da vida. Mas não é este o sentido que aqui nesse contexto estamos procurando dar. O que se vê aqui na curiosidade é um monte de nódoas, de preconceitos agarrados à visão que apenas ferem os olhos do psicólogo, que é como um pintor nato, que não reproduz o visível, mas que torna visível. Isto é o que nos ensina Paul Klee, que em seus Diários mostra que “na arte, mais importante do que ver é tornar visível.” (KLEE, 1990, p. 452) É nesse sentido que Nietzsche diz que avaliada artisticamente “a natureza não é nenhum modelo. Ela exagera, ela desfigura, ela deixa brechas.” (NIETZSCHE, 2000, §7, p. 70) Isto quer dizer: A natureza em nós exagera e desfigura a natureza, aproveitando as brechas por ela mesma deixadas. Ao exagerar e desfigurar, a visão psicológica de Dostoiévski cria a obra de arte, o romance, fixando o olhar nas brechas, nas fendas da existência, que só o olhar do psicólogo consegue ver, assemelhando-se assim ao montanhista que vai fincando as mãos nas fendas e brechas quase imperceptíveis da rocha para escalar a montanha.

No § 45 de “Incursões de um Extemporâneo”, ao fazer o exame do tipo criminoso, Nietzsche faz referência à Dostoiévski e à sua convivência com os mais terríveis criminosos na prisão, dizendo que...

para o problema que se apresenta aqui, o testemunho de Dostoiévski é relevante — de Dostoiévski, do único psicólogo, dito *en passant*, do qual tive algo a aprender: ele pertence aos mais belos casos de sorte de minha vida, mais mesmo do que a descoberta de Stendhal. (NIETZSCHE, 2000, §45, p. 103)

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

Esta passagem é famosa e muito citada quando geralmente há alguma referência à relação entre Nietzsche e Dostoiévski. Famoso também é o trecho da carta escrita por Nietzsche, de Nice, a Overbeck, em 23 de fevereiro de 1887:

Até algumas semanas atrás, eu nem sabia o nome de Dostoiévski — eu, um homem sem instrução que não lê nenhum jornal! Um movimento casual em uma livraria me fez ver “L’esprit Souterrain”, que acabara de ser traduzido para o francês (da mesma forma, completamente por acaso, me deparei com Schopenhauer aos 21 anos e Stendhal aos 35!). O instinto de familiaridade (ou como posso chamá-lo de outra forma?) falou imediatamente, minha alegria foi extraordinária. (NIETZSCHE, 2011, p. 270)

A versão que Nietzsche então leu em francês, conforme ele mesmo testemunha na carta, continha na verdade duas novelas (“A Senhoria” e “Memórias do subsolo”), referindo-se ele à segunda novela como contendo um “golpe de gênio de psicologia — uma espécie de auto-escárnio do γνῶθι σεαυτόν.” (NIETZSCHE, 2011, p. 270) Nietzsche volta a repetir essas impressões que a obra de Dostoiévski lhe causou em outra carta, dirigida a Peter Gast em 07 de março de 1887, destacando nela novamente a casualidade do encontro entre os dois e o sentimento de afinidade, de parentesco e familiaridade.

Estes testemunhos indicam que a obra de Dostoiévski é marcada pela reflexão filosófica e psicológica. Filosofia e psicologia andam aí juntas, pois o que a obra procura evidenciar é o que move a vida (*psique*) do protagonista, ou seja, quais são os fundamentos de suas ações, os afetos subterrâneos que serão objetos de suas memórias. O nosso propósito é mostrar como a obra “Memórias do Subsolo” elabora uma reflexão filosófica e psicológica sobre a liberdade, partindo de uma análise sobre o subsolo da consciência, ou seja, sobre aquilo que a governa e dirige. E ao elaborar essa reflexão através do seu protagonista, Dostoiévski procura pensar radicalmente a relação entre consciência e liberdade, razão e vontade, entre o refletir e o querer, temas e questões que são bastante caros a Nietzsche, o que vai nos levar a pensar aqui sobre o “instinto de familiaridade” entre os dois, tal como descreveu Nietzsche na carta a Overbeck.

Apontar para o instinto de familiaridade e para um diálogo entre os dois, não significa, contudo, dizer que Dostoiévski foi influenciado por Nietzsche, procurando desenvolver as suas doutrinas em seus romances, pois, decerto, sequer o conhecia ou mesmo conhecia a sua obra, que na época de Dostoiévski ainda era pouco conhecida. Quando Dostoiévski morreu (1881), apenas uma das obras de maturidade de Nietzsche havia sido publicada, “Humano, demasiado humano I”. As suas principais doutrinas, a vontade de poder e o eterno retorno, ainda não tinham amadurecido e se tornado públicas. Tampouco significa dizer que Nietzsche foi influenciado por Dostoiévski, pois, ao que parece, o seu contato com o escritor russo só ocorreu em 1887, quando boa parte de suas obras já haviam sido publicadas. Decerto que “Genealogia da Moral” (1887), “O Anticristo” (1888), “O caso Wagner” (1888), “Nietzsche contra Wagner” (1888), “Ecce Homo” (1888) e “Crepúsculo dos ídolos” (1889) são posteriores.

Mas a questão principal referente ao encontro dos dois, na verdade, não diz respeito a questões relativas a datas ou à cronologia, enquanto motivos da influência de um sobre o outro. Para os homens de gênio e para os que trabalham com a criação, não existe a chamada “influência”. Existe sim a relação com a história, com a tradição, mas sempre apropriada de maneira criadora. Se formos falar de influência, portanto, ela precisa ter aqui um sentido não passivo, mas ativo,

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

criador, referindo-se àquilo que já mostramos acima na carta de Nietzsche: A afinidade, familiaridade e consanguinidade de pensamento, a coincidência das ideias, o que não significa, é claro, a sua igualdade, mas a sua relação de identidade e diferença. Mas como? Querer interpretar filosoficamente e psicologicamente o romance não significa querer diagnosticar nele aquilo que não lhe pertence, que seria estranho à sua natureza, que envolve a fábula, a imaginação, a criação do enredo, da estória, das peripécias dos personagens? Atribuir ao romance ideias, pensamentos, reflexões filosóficas e psicológicas, não significaria interpretar a literatura desde outro lugar? Isto não iria macular o romance? E, do mesmo modo, a filosofia e a psicologia também não seriam maculadas, misturadas indevidamente com ingredientes que lhe são estranhos? Vejamos, procurando, para tanto, seguir algumas passagens decisivas do texto.

Uma das passagens que consideramos decisiva é aquela em que são desenvolvidas as considerações sobre a consciência, que começam no capítulo II da primeira parte da novela, intitulada “O Subsolo”. O que o autor procura aí descrever são as memórias, as reminiscências dos porões da consciência e, sobretudo, de uma consciência hipertrofiada, ou seja, dominada por um excesso de memória, de lembrança. São, portanto, memórias de como na consciência a memória se tornou excesso, supérfluo, doença. Conforme já dissemos no início do nosso texto, há uma ambiguidade característica do personagem na obra: Por um lado ele faz a crítica de si mesmo como um homem doente, vulgar, mau, ressentido; por outro lado ele faz uma crítica mordaz ao espírito científico e utilitarista do seu tempo, além de apresentar um pensamento extremamente original sobre a essência do querer, destacando ser essencial para a vida não querer somente o que é inteligente e útil, promovendo com isso uma reflexão exemplar sobre o sentido do que é o vantajoso. Procurando examinar mais detidamente a natureza dessa ambiguidade, vejamos inicialmente o primeiro aspecto.

Ao se considerar um homem doente, vulgar, mau, ressentido, o homem do subsolo, diferentemente do homem de ação — que tem pouca ou quase nenhuma consciência e que age espontaneamente, por exemplo, quando o sentimento de vingança se apodera dele, não deixando que nada mais reste em seu espírito a não ser este sentimento, (Cf. DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 21) considerando-o a própria justiça — nega haver na vingança justiça, acrescentando inúmeras interrogações umas às outras e acumulando tantas dúvidas e inquietações que se torna para ele impossível qualquer ação. Além disso, ele também se deixa envenenar pela ofensa, lembrando-se inúmeras vezes dos seus pormenores, nada conseguindo esquecer e perdoar e postulando uma vingança apenas imaginária, o que nos leva a pensar uma proximidade com a questão do ressentimento na primeira dissertação de “Genealogia da Moral”, que em uma passagem exemplar Nietzsche relaciona com o sentimento de vingança: “A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtém reparação.” (NIETZSCHE, 1998, p. 28-29)

Essa vingança imaginária vai aparecer com clareza no episódio em que um oficial retira do caminho o homem do subsolo como se fosse uma mosca, conforme aparece na segunda parte da novela intitulada “a propósito da neve molhada”, na qual o narrador descreve algumas de suas memórias de juventude. Após esse episódio, o suplício do homem do subsolo vinha da insuportável humilhação — suscitada pelo pensamento e que se transformava em uma contínua sensação — de que ele era uma mosca insignificante perante todo aquele mundo que ele considerava indigno de si, pois ele, sem dúvida, era muito mais inteligente e nobre que todos os indivíduos daquele mundo. O sentimento de ofensa e humilhação continuou a persegui-lo por muito tempo e ele por diversas vezes se questionou porque quando encontrava o oficial na avenida Niévski era sempre o primeiro a se desviar. Por que não o tratava de igual para igual, chocando-se com ele? Por diversas vezes despertou com esse pensamento, sem conseguir dormir.

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

Até que outro pensamento tomou conta dele, não lhe dando mais sossego: Por que não esbarrar intencionalmente no oficial? Para efetivar a sua ideia, ele elaborou longos preparativos, desde a vestimenta, que precisaria estar de acordo com a importância do acontecimento, até os ensaios de como realizar o encontrão, pois nada poderia ser ao acaso; antes, precisaria ser elaborado com eficiência, intencionalmente, sob a determinação da autonomia da consciência. Os ensaios foram muitos, mas sempre na hora decisiva acontecia o desvio, faltava a coragem, o que o levava à noite a delirar e ter febre. Até que, em um passeio despreocupados pela avenida Niévski, após a definitiva decisão de desistir do seu intento, ele inesperadamente e subitamente, chocou-se com o seu inimigo ombro a ombro, sem ter cedido para ele nem um *vierchók*, passando então por ele “absolutamente de igual para igual” (DOSTOIEVSKI, 2001, p.69), tendo sido então tomado pelo sentimento de arrebatamento pelo seu triunfo.

Inesperada e subitamente deu-se o choque, a ação de chocar-se, pois a ação, toda e qualquer ação, considerada como atividade própria, é coisa gratuita e súbita, que não está sob a determinação da autonomia da consciência, pois a consciência, como “consciência de...”, é sempre tardia, pois é consciência do que já precisa ter se dado, oferecido. A genuína ação só acontece sem querer ou, melhor dizendo, sem a imposição da autonomia da consciência ao querer. O querer então deixa de ser compreendido desde a imposição da autonomia da consciência para ser compreendido como obediência, correspondência, pertencimento à transcendência, sem que seja possível traçar alguma linha fronteira entre quem manda e quem obedece. Querer, portanto, nesse caso, passa a ser um obedecer e um mandar, ou seja, um mandar em si mesmo à medida que obedece, corresponde, escuta.

Mandar e obedecer são o mesmo. Este mesmo, no entanto, não é o igual, não corresponde à apatia e indiferença do sempre igual. Mandar e obedecer, enquanto o mesmo, constituem a essência da vontade, que é uma luta, um *polemos*, uma tensão e harmonia dos poderes essenciais da vida, no sentido de que só se manda propriamente quando se obedece e só se obedece propriamente quando se manda, cada um permitindo ao outro ser aquilo que o outro é. O mesmo, portanto, a identidade, é também a diferença, o que constitui a própria possibilidade da alteridade. Mando e obediência, no entanto, não indicam aí nada que se relacione ao autoritarismo ou à passividade, nada de ativo ou passivo. Em “estudos para uma bailadora andaluza”, João Cabral apresenta esse jogo de mandar e obedecer como o que constitui o cerne da ação da bailadora, que no poema ele compara com a ação da cavaleira:

Então, como declarar
se ela é égua ou cavaleira:
há uma tal conformidade
entre o que é animal e é ela...
que o melhor será dizer
de ambas, cavaleira e égua,
que são de uma mesma coisa
e que um só nervo as inerva... (MELO NETO, 1975, p. 129)

A ação da cavaleira é a mesma da bailadora, que “subida ao dorso da dança”, precisa dominar esse fogo que como uma fátisca nela se acende e que, assim como a cavaleira montada na égua, só a custo debela o animal que, “dominado sob a rédea”, ressentido ser mandado e obedecendo protesta. A cavaleira, por sua vez, manda à medida que obedece aos movimentos do animal, confundindo-se com a própria égua. Aqui, o que governa e o governado são o mesmo, havendo

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

entre os dois aquilo que o poeta acima chamou de conformidade. Este estar conforme, de acordo, fazendo e dizendo o mesmo, é o que também acontece com a atividade do próprio poeta, que ao escrever corresponde ao poetar, domando-o e abrigoando-o na linguagem. Isto foi pensado por Heráclito com a palavra *homologeîn*, que significa dizer o mesmo que diz o *logos*, no sentido de colheita, guarda, abrigo, cuidado, correspondência entre o *legeîn* humano e o *logos*. (Cf. HEIDEGGER, 2002, p. 290) Foi também pensado por Parmênides no famoso fragmento 3 do seu poema, em que é dito: “... pois o mesmo é pensar e ser”. (PARMÊNIDES, 1999, p. 45) Heidegger vai considerar que apesar da enorme dificuldade em refletir sobre o que é o ser e o pensar, talvez ainda mais difícil seja refletir sobre o sentido do que significa dizer “o mesmo” (*tó autô*). (Cf. HEIDEGGER, 1979, p. 180-181) Isto aqui fica apenas insinuado, pois seria preciso um longo percurso para podermos pensar o sentido da palavra “o mesmo” (*tó autô*) na filosofia e na poesia. Para tanto, teríamos que pensar acerca do princípio da identidade em seu sentido ontológico, que traz em si a relação entre identidade e diferença.

Voltemos, portanto, à nossa reflexão sobre o sentido do querer a partir das elocubrações feitas pelo homem do subsolo. Vimos que acima foi dito: “Até que outro pensamento tomou conta dele, não lhe dando mais sossego: Por que não esbarrar intencionalmente no oficial?” Intencionalmente quer dizer: poder antecipar as circunstâncias do encontro a partir da reflexão consciente, evitando o acaso. O acaso é o que não está sob o controle, que não pode ser previsto, antecipado. Este acaso precisaria então ser controlado pelo pensamento consciente para que a ação fosse intencional e, portanto, livre. No entanto, conforme mostra Nietzsche, “há tantos grandes pensamentos que não oprimam mais do que um fole: produzem vento e tornam mais vazio.” E em seguida ele prossegue: “Dizes-te livre? Teus pensamentos dominantes, quero ouvir, e não que escapaste de um jugo.” (NIETZSCHE, 1995, p. 78) Conforme pudemos ver, o pensamento que então se apoderou do homem do subsolo foi o pensamento de dominar e controlar para que, através dele, fosse possível antecipar o acontecimento, a ação. E através do domínio e controle, da antecipação da ação, ele poderia ser levado a acreditar que o seu querer seria supostamente livre, pois, afinal de contas, foi intencional, estava sob a determinação do seu arbítrio. No entanto, conforme foi mostrado, o encontrão nunca acontecia e a insônia e febre noturnas sempre voltavam a aparecer.

É por isso que Nietzsche mostra que ser livre é justamente o contrário do que se relaciona com o pensamento intencional, consciente, apresentando a liberdade como o que só acontece quando um pensamento se torna dominante, quando o homem se encontra sob o jugo, a coação de algo que vem lhe fazer exigências. Embora “o pensamento de esbarrar intencionalmente” tenha se apoderado do homem do subsolo, tornando-se nele dominante, “o pensamento de esbarrar” não o dominou. Só quando conseguiu se livrar do pensamento intencional foi que ele propriamente agiu, tornando-se consciente do encontrão. O encontrão, desse modo, não foi antecipado pela consciência; antes, foi algo do qual ele veio a tomar consciência depois que ocorreu. A partir do “querer esbarrar”, que dele então se apoderou, ele tornou-se consciente de ter esbarrado sem intenção, livremente, tendo sido tomado pelo êxtase do seu triunfo. O seu querer finalmente triunfou sobre a intenção, sobre a consciência, e o que este querer, sobretudo, quis, não foi o vantajoso que é determinado pela consciência intencional como o domínio e controle sobre a ação, mas aquela vantagem antes apontada como a maior de todas, que consistia em poder também querer o que não era inteligente e sensato, bom e útil, mas, antes, em poder querer sem querer, em querer como obediência a um jugo, a um apelo e sinal que se faz imperioso para o crescimento e autossuperação da vida. Neste querer há inocência e beleza, conforme mostra Zarathustra no discurso “do imaculado conhecimento” (Cf. NIETZSCHE, 1995, p. 135), porque nele a vida cresce toda despojada e largada, abandonada a si mesma, sem visar nenhum fim e propósito a não ser

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

surgir e perecer, como o que surge para perecer e perece para surgir. A maior de todas as vantagens é justamente essa: desquerer todo já querido, todo querer intencional, como amor ao querer.

Este pensamento parece também estar presente de maneira fundamental em “Memórias do Subsolo”, conforme podemos observar nesta impressionante referência que Dostoiévski faz à natureza do querer no homem: “Não amará ele a tal ponto a destruição e o caos... porque teme instintivamente atingir o objetivo e concluir o edifício em construção?” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 46) De fato, se o objetivo fosse concluído e o edifício finalizado, o que haveria mais para o homem fazer? Quão diferentes são as formigas, que começam e terminam pelo formigueiro. Ao que parece, ele continua, o homem talvez apenas ame criar o seu edifício e não viver nele, sendo como o jogador de xadrez, que ama “...apenas o processo de atingir o objetivo, e não o próprio objetivo.” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 46) Visar apenas o objetivo tornaria a vida apenas uma teia de racionalidade e causalidade, com um propósito e fim colocados no final.

Em uma das reflexões que elaborou sobre o niilismo, Nietzsche procurou pensá-lo nestes termos, que parece aproximar-se do que foi pensado aí por Dostoiévski: “O *niilismo como estado psicológico* precisará entrar em cena *em primeiro lugar*, quando tivermos buscado um “sentido” em todo acontecimento, que não está aí: de modo que aquele que busca perde finalmente o ânimo.” (NIETZSCHE, 2012, 11 [99], p. 36) Primeiramente é preciso entender que isso que Nietzsche chama de *estado psicológico* não tem nada a ver com a psicologia compreendida como ciência do estudo da mente e do comportamento, envolvendo o exame dos sentimentos e emoções, sejam conscientes ou inconscientes.

Toda a psicologia até hoje, segundo ele, por estar presa a preconceitos e temores morais, não ousou descer às profundezas. Mas a que profundezas ele está se referindo? Ao que parece às profundezas da vida, da *psyché*, que na verdade não possui fundo, sendo por isso mesma abissal. Por isso, ele considera que ninguém até hoje ousou compreendê-la como ele o faz, ao pensá-la como “morfologia e *teoria da evolução da vontade de poder*.” (NIETZSCHE, 1992, § 23, p. 29) Morfologia está relacionada ao sentido grego de *morfé* (forma, configuração, aparição) e *teoria da evolução da vontade de poder* indica o modo de tornar visível, de fazer aparecer, as configurações históricas que a vontade de poder assumiu na história do Ocidente, na metafísica, como confrontação e luta dos poderes fundamentais da vida. Com a vontade cindida, com a desagregação dos instintos, que Nietzsche relaciona com a *Décadence*, o niilismo entra em cena, primeiramente, em sua configuração fundamental, como busca por um sentido em todo acontecer que, contudo, não está no acontecer, pois o acontecer, todo acontecer, como acontecer que é a vida, que é a vontade de poder, é sem sentido, ou, melhor dizendo, tem o seu sentido somente na ação, no fazer, que é o seu aparecer, diferenciar-se de si mesmo, que é o que constitui o próprio acontecer.

Sem dúvida que Dostoiévski não pensa o niilismo com a clareza e radicalidade de Nietzsche, que o considera como a lógica de nossa própria história, como a lógica do Ocidente, da metafísica. No entanto, nas memórias do homem do subsolo encontra-se uma reflexão fundamental sobre a essência da vontade e da liberdade humana que nos leva a pensar na maior de todas as vantagens como sendo justamente a ausência de sentido no próprio acontecer da vida, que em sua essência é vontade e liberdade, considerado pelo homem do subsolo como o próprio sentido, como o sentido e fim em si mesmo, como aquilo que o homem acima de tudo deseja. Essa reflexão mais ampla e fundamental sobre a essência da vontade e da liberdade encontra-se inserida no contexto da crítica de Dostoiévski ao egoísmo racional de Tchernichévski que, a princípio, parece se enquadrar dentro de um contexto crítico de natureza mais social e política.

Isto nos leva a pensar o que ficamos acima por desenvolver, ou seja, o segundo aspecto inerente à ambiguidade característica do homem do subsolo, pois, conforme foi possível observar antes, ele, além da acusação que faz para si mesmo de ser um homem mau, doente, vulgar e

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

ressentido, também se destaca por ser um crítico mordaz do espírito racional e utilitário, apresentando-se, nesse caso, não como um homem comum, mas sim como um genuíno filósofo. Nesse segundo aspecto em que se apresenta o protagonista, a crítica que ele faz, a princípio, parece ser apenas dirigida a Tchernichévski. O teor do pensamento deste último que é objeto da crítica é o seguinte: Ninguém é capaz de agir conscientemente contra os seus próprios interesses, e uma vez tendo sido devidamente instruído a respeito deles, deixaria de cometer ignomínias e sempre praticaria o bem. A resposta do protagonista a este pensamento vem em tom de ironia: “Oh, criancinha de peito! Oh, inocente e pura criatura! Mas, em primeiro lugar, quando foi que aconteceu ao homem, em todos estes milênios agir unicamente em prol de sua própria vantagem?” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 33)

Mas a questão principal para Dostoiévski, que é ainda mais radical do que esta, é a seguinte: O que seria a vantagem? Não seria mais vantajoso para o homem, em certos casos, desejar para si mesmo o prejuízo e não a vantagem? E, sobretudo, não haveria uma vantagem, a maior de todas, que no cômputo das suas vantagens o homem deixa de mencionar? E o fato de não a computar não seria porque ela não cabe em nenhuma classificação e nenhuma lista, embora seja para quase todos os homens a mais cara de todas as vantagens? Ao longo de todo o capítulo VII de “Memórias do Subsolo”, Dostoiévski prepara o advento dessa vantagem, a mais cara de todas, e que só vai ser propriamente revelada no fim do capítulo, que é, como um todo, um preparo e um desenvolvimento do sentido desta vantagem, para a qual ele vai preparando o advento ao longo do capítulo, particularmente quando continua o seu questionamento e pergunta se não existiria de fato algo que seja para quase todos os homens mais caro que todas as vantagens, que seria justamente a vantagem omitida. Não estaria o homem, diante de tal vantagem, ele então se pergunta, “...pronto a ir contra todas as leis, isto é, contra a razão, a honra, a tranquilidade, o bem-estar, numa palavra, contra todas estas coisas belas e úteis, só para atingir aquela vantagem primeira, a mais preciosa, e que lhe é mais cara que tudo?” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 35)

O teor é genuinamente filosófico, abrindo a reflexão sobre a relação entre a razão e a vontade. A vantagem primeira que ele apresenta em seu questionamento se apresenta contrária àquilo que o homem considera de um modo geral vantajoso, e que seriam as coisas belas e úteis citadas acima. De fato, todas essas coisas citadas são belas e úteis, e também extremamente desejáveis para o homem, pois estão todas fundamentadas na razão, no bom senso, e a razão, conforme diz o protagonista, é coisa boa, e disto não há a menor dúvida. No entanto, “a razão é só razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto o ato de querer constitui a manifestação de toda a vida, isto é, de toda a vida humana, com a razão e com todo o coçar-se.” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 41)

O ato de querer, portanto, é manifestação de toda a vida, que é, sobretudo, vontade, ou, como diria Nietzsche, vontade de poder, enquanto vontade que se apresenta ao homem de crescer, se autossuperar, tornar-se mais forte, autônomo, independente, livre. A razão é uma das manifestações da vontade, do querer, enquanto querer o que é bom e útil. Mas o querer, contudo, não se limita ao bom e ao útil. Por isso a maior de todas as vantagens, que vai contra tudo o que seria vantajoso para o homem, será pensada por Dostoiévski como sendo “a vontade *independente*” (Cf. DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 39), que permite ao homem “agir ao seu bel-prazer e nunca segundo lhe ordenam a razão e o interesse. (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 39) Com isto, no entanto, ele não está pregando o irracionalismo e o absurdo. A questão de fundo aqui é o pensamento acerca da liberdade humana, que nesta obra assume um caráter eminentemente psicológico e filosófico. O que Dostoiévski está querendo dizer é que a maior vantagem para o homem, que se impõe contra tudo aquilo que ele considera vantajoso, é “*ter o direito* de desejar para si mesmo algo muito estúpido, sem estar comprometido com a obrigação de desejar apenas o que é inteligente.” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 42)

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

No *ter o direito* de desejar o desvantajoso e o estúpido se apresenta a questão decisiva, o fundamento da liberdade. Caso contrário, conforme ele mesmo diz, o homem seria apenas uma tecla de piano ou um pedal de órgão, que agiria somente de acordo com as leis da natureza, e uma vez descobertas estas leis o homem se ligaria a tudo matematicamente, apenas de acordo com a determinação lógica e aritmética, em uma fiel obediência ao “dois e dois são quatro”, sem responder a mais nada por si mesmo, ou seja, sem poder mais colocar diante das coisas a sua vontade. Surgiriam teorias econômicas com indicações precisas, matemáticas e estatísticas, de como agir, com respostas para todas as questões, de modo que seria erguido então um palácio de cristal, e o homem chegaria ao reino da abundância. O palácio de cristal é uma referência de Dostoiévski ao Palácio de Cristal construído em Londres em 1851 para uma exposição internacional de ciência e que ele chegou a visitar. Findaria com isso toda aventura, toda criação, todo pensamento próprio, em suma, com isso findaria o próprio homem. Mas e quando a existência do homem foi um desfile pelo Palácio de Cristal, em cumprimento às regras e aos preceitos do bom e do útil, do vantajoso e do racional?

Decerto que isto muitas vezes é extremamente louvável e desejável. Mas também é imperioso saber que o homem não é uma tecla de piano e que ele sempre prezou o seu querer independente, preservando neste querer a sua mais radical humanidade, por mais desumana que ela possa muitas vezes parecer. Sim, porque é devido a este querer independente que o homem se lança desde sempre no absurdo, no crime, no assassinato, na guerra, na corrupção, no extermínio, na exploração, no mal, naquilo que, muitas vezes, é o mais danoso para si e para os outros, em detrimento do que seria para ele o mais vantajoso, o bom e o útil. O desconcertante, contudo, é que aquilo que talvez seja o mais propriamente humano no homem, isto é, a sua liberdade, traz em si, enraizada, a possibilidade da desumanidade, do mal. E como é preciso para ser livre *ter o direito* do desvantajoso, a liberdade torna-se ambígua, pois é só tendo este direito que o homem pode se conquistar e também se perder. Na verdade, a princípio ele está sempre perdido, desviado, esquecido de si mesmo, sendo a liberdade o caminho para tomar rumo, entrar na cadência e sair da decadência. Sair da decadência, no entanto, não significa entrar num estado de plena conquista de si mesmo, sem correr mais o risco de queda e declínio. Querer isto seria o próprio declínio do homem, que deste modo não estaria fazendo outra coisa senão pretender corrigir e reformar a vida, a existência, a própria condição que é ser homem, ou seja, que é estar arriscado na vida, em contínuo combate para não decair. Mas como entender isto, se acima já tinha sido dito que a princípio o homem já está sempre decaído, em ocaso e declínio?

Sim, decerto que sim, mas, contudo, sem o saber. Neste não saber ele, a princípio, se encontra, e aí erra, entra em errância. Mas a princípio sempre estando aí, o homem também pode conquistar o saber de sua errância, ele que, conforme dizia Dostoiévski, era o bípede ingrato. Em uma passagem importante ele destaca este caráter único do homem: “Pois o homem é estúpido, de uma estupidez fenomenal. Ou, melhor, embora ele não seja de todo néscio, não há nada no mundo que seja tão ingrato.” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 38) Em outra passagem ele diz que embora o homem não seja estúpido — pois, se ele o for, quem seria então inteligente? — ele é ingrato em uma escala fenomenal, arrematando: “Penso até que a melhor definição do homem seja: um bípede ingrato.” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 42) E o que marcaria e distinguiria o bípede ingrato? Ora, a resposta parece óbvia: a ingratidão. Sim, decerto, mas ingratidão em relação a que?

Dostoiévski considera que pode ser oferecido ao homem todos os bens terrestres, mergulhá-lo na felicidade, dar-lhe fartura, bem-estar, descanso, sossego, regalo com o belo e o sublime, que, mesmo neste caso, ele, por ingratidão a tudo isso, iria cometer alguma ignomínia. E isto, segundo ele, só para poder confirmar a si mesmo, para mostrar que não é uma tecla de piano, mesmo que fosse possível demonstrar racionalmente e matematicamente que ele seria uma tecla. Neste caso ele se rebelaria e se desesperaria para mostrar que não é uma, pois é isso o que ele, nesse

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

caso, iria desejar acima de tudo. Ao assim querer, o homem pretende demonstrar para si mesmo que tem poder para o seu querer, que só assim ele pode propriamente querer e, ao assim querer, o que ele quer, sobretudo, é o poder, ou melhor, conquistar o poder sobre si mesmo, como retorno ao seu elemento, ao querer, como conquista de liberdade. A ingratidão, desse modo, tem nesse contexto um sentido positivo, pois é através dessa ingratidão ao vantajoso que o homem pode ser grato ao seu elemento, à liberdade. Contudo, não é devido a este sentido de ingratidão que Dostoiévski chama o homem de bípode ingrato. Qual seria então o outro sentido de ingratidão? Vejamos, o que vai exigir de nós uma reflexão sobre o que seria para ele a ideia, e de modo mais particular, a ideia de liberdade.

Esta reflexão Dostoiévski não a desenvolve de maneira abstrata, conforme costuma aparecer nos tratados de filosofia. Em “Memórias do Subsolo”, “a ideia quase chega a se converter realmente na heroína da obra.” (BAKHTIN, 1997, p. 77) Quase chega, pois não é a ideia propriamente a heroína. O herói nas grandes obras de Dostoiévski é o homem de ideias, seja este o homem do subsolo, Raskólnikov, Ivan, Stavróguin, Kirilov, o Príncipe Míchkin, Viersilov ou Arkadi Dolgorúki. Para Bakhtin...

...enquanto artista, Dostoiévski não criava as suas ideias do mesmo modo que as criam os filósofos ou cientistas: ele criava imagens vivas de ideias auscultadas, encontradas, às vezes adivinhadas por ele na própria realidade, ou seja, ideias que já têm vida ou que ganham vida como ideia-força.” (BAKHTIN, 1997, p. 88)

No plano de cada romance dele aparece uma ideia dominante, e para justificar isto ele, em uma carta, referindo-se a “O Idiota”, diz: “Não defendo o meu romance, defendo a minha ideia.” (BAKHTIN, 1997, p. 99) A ideia para ele não é uma elocubração inteligível, individual, formulada abstratamente; antes ela é imagem viva que se desenvolve no diálogo com outras ideias, que se confronta com elas, aparecendo no desenvolvimento da vida dos personagens, constituindo neles o seu humor, afeto, sentimento, *pathos*, que move as suas ações e constitui a sua história. A ideia nele, portanto, é sensível, sensual, pois é o que nos personagens se encorpa, cresce, vai se tornando mais intenso e passa a governar as suas vidas. Mas, do mesmo modo, a sensação, a sensualidade, é inteligível. E isto porque ele consegue tornar visível através dos personagens as motivações de sua fúria, dos seus crimes, de suas ignomínias, de sua devassidão, assim como também de seu amor e de sua compaixão. Não temos na sua obra somente a descrição de uma estória belamente imaginada e fabulada. Temos também nela, sobretudo, as imagens vivas de ideias, a fabulação imaginativa da ideia se tornando vida, carne, corpo, história, ruína, devassidão, crime, destruição, morte, mas também redenção, amor e compaixão.

Em “Memórias do Subsolo”, a ideia que se torna vida é a ideia de liberdade, que precisa ser conquistada na luta contra o domínio que o otimismo científico procura instaurar. Mas o que Dostoiévski procura principalmente destacar nesta obra não é a polêmica com Tchernichévski e nem a crítica ao palácio de cristal, postulado por este último como um ícone do modo de vida marcada pelo otimismo na razão e na ciência. O objetivo principal de Dostoiévski não é a crítica do egoísmo racional de Tchernichévski, que postulava que a satisfação das vantagens pessoais, baseadas na lógica utilitarista e nos preceitos racionais, levaria necessariamente à satisfação dos interesses da maioria, produzindo no futuro o paraíso na terra. Conforme Tchernichévski postulou em sua obra “O que fazer?”, as reações do egoísmo não racional do homem se tornariam obsoletas assim que os preceitos do egoísmo racional fossem internalizados, de modo que as paixões e as

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

emoções passariam a reagir de acordo com as imposições da razão. Esta obra, que é de 1863, teve um impacto profundo na Rússia da época, levando à formação das comunas cooperativas socialistas, estendendo-se até o período de Lênin, que a utilizou como fonte de inspiração.

O propósito principal de Dostoiévski em “Memórias do Subsolo”, contudo, não foi polemizar com ela, pois, se assim de fato tivesse ocorrido, conforme diz Joseph Frank, isto “...nos obrigaria a considerar Dostoiévski o pior polemista de toda a história literária” (FRANK, 2018, p. 498), pois quem iria preferir a vida do homem do subsolo diante da vida feliz e harmoniosa apresentada por Tchernichévski em sua utopia? Nesta forma de vida que Tchernichévski apresenta, conforme nos mostra Lukács,

...o novo homem pode resolver, sem enredo trágico e catástrofes, conflitos humanos semelhantes com o seu “egoísmo racional”, o que torna evidente sua superioridade espiritual e moral. Isso significa que não existe nenhuma tragédia, na medida em que o homem agir no espírito do “egoísmo racional”, na medida em que ele, com consciência límpida, examina seus próprios interesses (e produz uma organização racional deles), na medida em que ele, sem qualquer ilusão, sem qualquer fetiche, observa suas relações internas e externas. (LUKÁCS, 2017, p. 17)

Desse modo, Tchernichévski procura deixar claro que só o egoísmo racional poderia produzir a liberdade e a existência harmoniosa e feliz do homem, livre da tragédia. E nada mais sedutor do que um mundo concebido sem tragédia, em que os conflitos humanos seriam todos resolvidos pelo egoísmo racional, através do qual querer egoisticamente o bem individual implicaria em querer o bem social, pois o homem só poderia se realizar na sociedade. Pelo menos esse é o modo segundo o qual Dostoiévski o enquadra, em uma visão materialista e utilitarista.

O problema da liberdade não se apresenta para Dostoiévski a partir da determinação do egoísmo racional, embora seja preciso dizer que Tchernichévski não desconsidera o domínio das paixões. No entanto, ele procura subordiná-las à razão que, ao agir segundo seus interesses egoístas (causa), acabaria promovendo a sociedade igualitária (efeito), pois, ao compreender que o maior prazer individual seria promovido pela sociedade igualitária, o homem acabaria sendo levado de modo natural a lutar por ela. Para Dostoiévski, o problema da liberdade precisa levar em conta aquilo que apresentamos acima como sendo a maior das vantagens, que consistia em “não estar comprometido com a obrigação de desejar apenas o que é inteligente.” Pois, não sendo assim, ou seja, no caso de não se levar em conta esta que seria a maior de todas as vantagens, “como é que se pode ter, no caso, sua própria vontade, quando se trata da tabela e da aritmética, quando está em movimento apenas o dois e dois são quatro?” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 45)

“Não ser obrigado a desejar o que apenas é inteligente” significa: Poder querer a transcendência, isto é, aquilo que não está sob a determinação do homem, sob a determinação do seu poder de planejamento e cálculo, visando fins e metas previamente delineados. Outra palavra para dizer transcendência é destino, que não se refere aqui a algum lugar geográfico para onde se vai, nem tampouco tem o sentido de algum acontecimento predeterminado ou inevitável, ou mesmo o sentido de fatalidade. Tampouco significa o propósito ou a finalidade de algo. Destino tem aqui o sentido de distintivo, sinal, enquanto aquilo que marca uma trajetória, uma singularidade, que se destaca do comum, do ordinário. É levando em conta este último sentido que dizemos que

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

alguém tem destinação, que ele soube dar direção, rumo para a sua vida. Destino é orientação e a orientação é uma experiência de direção que fazemos quando estamos a caminho de algo.

Essa experiência de orientação Guimarães Rosa chamou de travessia. O sertão para ele é travessia e é também, conforme ele ainda diz “...onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar” (ROSA, 1983, p. 21), ou seja, é onde somos propriamente livres, pois é onde o nosso pensamento é mais forte, se impondo, aqui no caso particular do homem do subsolo, sobre o poder do palácio de cristal, que é o lugar do culto e glorificação da ciência, do poder do intelecto, da razão. O intelecto, em particular o intelecto moderno, é para Heidegger a despotização do espírito (HEIDEGGER, 1969, p. 71), pois na modernidade o espírito transformou-se em inteligência, atuando como recuo em relação à transcendência, ao mistério do ser, e indo na direção do poderio do controle e do cálculo sobre a vida, estabelecendo uma padronização desmedida do sempre igual, constituindo, segundo ele, a “avalanche do que chamamos o demoníaco” (HEIDEGGER, 1969, p. 72), que veio a provocar na Europa a desorientação e a insegurança. Em “Os demônios”, Dostoiévski chama a atenção para este fenômeno, que na obra aparece como o que também irá determinar o destino da própria Rússia: A semiciência ou meia-ciência. A semiciência, diz Chátov para Stavróguin, é...

o mais terrível flagelo da humanidade, pior que a peste, a fome e a guerra... é um déspota que tem os seus sacerdotes e escravos, um déspota diante do qual tudo se prosternou com amor e uma superstição até hoje impensável, um déspota diante do qual a própria ciência treme e é vergonhosamente tolerante. (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 251)

A meia-ciência é a ciência em sua positividade, enquanto ideal do racionalismo representado pelo palácio de cristal, que seria a utopia que Dostoiévski aponta como aquilo que iria se alastrar sobre a Rússia trazendo entre os seus pressupostos a ideia de que a vida poderia se realizar plenamente segundo os preceitos da razão e do utilitarismo e preparando, de acordo com isso, o advento de uma forma de existência na qual o homem viveria em uma espécie de estufa, o próprio palácio de cristal, que conservaria a sua vida em condições ideais, em um ambiente controlado que a protegeria das incertezas da vida, e que — assim como a estufa que regula para as plantas a temperatura, a umidade e a luz, protegendo-as das intempéries e das doenças — a regularia plenamente segundo o cânone da consciência, pregando que tudo teria que ser consciente para ser belo, não podendo haver espaço para o acaso e para o domínio da liberdade, da ação individual, particular. Tudo teria que ser determinado pelo social, mas o social, por sua vez, seria determinado pela ciência e pelo utilitarismo, pelo egoísmo racional. Na passagem destacada acima, Dostoiévski mostrou que a própria ciência tremia diante da utopia do palácio de cristal e, ao ser tolerante com esta utopia, acabou se transformando na meia-ciência, que seria a ciência estruturada em cima do dogma do egoísmo racional como aquilo que poderia redimir a existência.

No entanto, conforme bem destaca Chátov em “Os Demônios”, repetindo as ideias que outrora foram do próprio Stavróguin,

a razão e a ciência, hoje e desde o início dos séculos, sempre desempenharam apenas uma função secundária e auxiliar; e assim será até a consumação dos séculos. Os povos se constituem e são movidos por outra força que impele e

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

domina, mas cuja origem é desconhecida e inexplicável. Essa força é a força do desejo insaciável de ir até o fim e que ao mesmo tempo nega o fim. É a força de confirmação constante e incansável do seu ser e da negação da morte. (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 250)

Essa força já tinha sido mostrada pelo homem do subsolo, conforme vimos acima, quando ele fez o seguinte questionamento a respeito da natureza do homem: “Não amará ele a tal ponto a destruição e o caos... porque teme instintivamente atingir o objetivo e concluir o edifício em construção?” Essa força é para Nietzsche a vontade de poder, que ele também chama de mundo e que é

...um elemento descomunal de força, sem começo, sem fim... que não se desgasta, mas apenas se transforma... como jogo de forças e ondas de força ao mesmo tempo um e “muitos”... abençoando a si mesmo como aquilo que precisa eternamente retornar, como um devir, que não conhece nenhuma saciedade, nenhum enfado, nenhum cansaço... (NIETZSCHE, 2015, p. 565-566)

O nome que Nietzsche dá para este mundo dionisíaco do criar e destruir eternamente a si mesmo é vontade de poder, que é a vida, e, destacadamente, a vida do homem, enquanto vida exemplar dessa dupla volúpia, sem fim e sem vontade, melhor dizendo, com o único fim que é a felicidade do círculo, do eterno retorno, e com a boa vontade do anel que retorna a si mesmo. Esta força confirma constantemente a si mesma em seu eterno retorno e com isso nega a morte, pois só vive porque morre, porque é aptidão para a morte, para o abandono de todo feito, de todo fim posto, sendo assim a morte o que leva à consumação da vida. Vida é força porque não conhece nenhum cansaço, nenhum fastio em morrer e nascer. Negar a morte de acordo com isso, portanto, não significa excluir da vida a aniquilação e a destruição, mas, antes, confirmá-las como condição do devir, que é a própria vida, que nunca pode desembocar em um fim, seja o ser ou o nada, o que seria a sua própria morte e estagnação, pois seria a ausência de vida, de devir.

A vida, portanto, enquanto ação, transformação, autossuperação, diferenciação de si mesma, devir, é a força que constante e incansavelmente confirma o seu ser e nega a morte. E mesmo quando a vida procura negar a si mesma, ao querer dominar as suas condições fundamentais de transformação e diferenciação, ela acaba confirmando a sua própria essência, pois esse gigantesco esforço de negação e de revolta é também uma atividade que não repousa e não descansa, procurando sempre se impor, ainda que o faça enquanto um descomunal poder de negação, que Nietzsche chamou de niilismo. Em suas grandes obras, dentre as quais “Memórias do Subsolo”, Dostoiévski mostrou exemplarmente o enorme poder de aniquilação desse espírito de revolta e negação na vida dos seus personagens.

É certo que para Chátov essa força que o homem procura acima de tudo é deus, mas deus quer dizer para ele a compreensão do que é o bem e o mal. Deus, o Cristo, para Dostoiévski, é um nome para a liberdade, conforme ele desenvolve magistralmente na lenda do grande inquisidor. E quando essa compreensão se torna comum entre os povos, ou seja, quando os deuses se tornam comuns, “morrem os deuses e a fé neles junto com os próprios povos.” (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 251) Na modernidade deus se universalizou como sendo o próprio homem, que procura estender

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

o seu domínio planetário sobre a vida, o homem dominado pelo intelecto e que perdeu o poder do espírito, que erigiu como seu supremo ideal o palácio de cristal.

Em “Memórias do Subsolo”, o “método” filosófico para acusar o racionalismo e cientificismo do palácio de cristal é o da *redução ao absurdo*, que procura mostrar as consequências absurdas de uma vida guiada pela razão e pelo utilitarismo, dominada pelo demoníaco, pelo niilismo. A utopia do palácio de cristal, portanto, se por um lado se apresenta como aquilo que o homem governado pelo espírito científico erige como o seu ideal de vida, por outro lado mostra-se como o que ele teme acima de tudo alcançar, porque no fundo ele não quer ser confundido com uma tecla de piano. O palácio de cristal é apenas mais um ideal, mais um “fim” e “meta” colocado para o “acontecer”. Mas o “acontecer”, o grande “acontecimento”, é a vida, que não possui fim algum fora de si, sendo a existência humana marcada pela tensão deste querer, que procura tanto um fim como a negação de todo fim.

Também precisamos levar em consideração o seguinte: por um lado temos que o homem de ação, ao ser confrontado com o homem do subsolo, se apresenta como um homem estúpido, pois se atira diretamente para o seu objetivo como um touro enfurecido, sem se questionar sobre o sentido de justiça de sua ação; por outro lado, segundo a doutrina de Tchernichévski, qualquer ação que o homem atribua a si é na verdade decorrente das leis da natureza. Aqui temos mais uma vez a presença da *redução ao absurdo*, pois, se o homem do subsolo admite inicialmente a ideia do determinismo natural, é com o intuito de levar às últimas consequências o reflexo dessa ideia na vida do homem de ação. Ora, ao se admitir a ideia de Tchernichévski seremos levados a concluir que o homem de ação age sem agir, pois ele não tem nenhuma autonomia em relação ao que faz, tendo em vista que não é ele que faz ou age, mas a natureza nele.

No entanto, não é só o homem de ação, estúpido e sem poder de reflexão, que se encontraria sob o determinismo natural, mas também o homem racional, dominado pelo espírito científico e pelo egoísmo racional, que lhe prescreve necessariamente o que deve ser feito. O egoísmo racional, portanto, torna-se uma espécie de segunda natureza, que prescreve um modo de agir que precisa suplantiar todo querer autônomo e particular. O querer autônomo quer por amor ao querer, quer, portanto, aquilo que seria a maior de todas as vantagens, conforme anunciou o homem do subsolo, ou, dizendo de outro modo, de acordo com Nietzsche, quer por amor ao poder (“Wille zur Macht”), e, nesse sentido, precisa também querer o inútil, o que surge só por surgir, como pura gratuidade e espontaneidade, sem visar nenhum fim e meta que estejam fora do querer mesmo. Esse inútil do querer revela-se assim o mais útil, o que mais lhe confere poder, o que mais aumenta a sua força, dando-lhe distinção e destaque, mostrando que o homem não é uma tecla de piano. Por isso, diz Nietzsche, que “é preciso saber ocasionalmente perder-se, quando queremos aprender algo das coisas que nós próprios não somos.” (NIETZSCHE, 2001, § 305, p. 207)

O contexto dessa fala de Nietzsche gira em torno do autodomínio, do ter poder sobre si mesmo. Mas o que seria isto, o autodomínio? Seria o poder do eu, da consciência, sobre as paixões, emoções e inclinações? Nesse caso, o homem não ficaria em permanente atitude de defesa, não podendo mais confiar-se a nada, a nenhum instinto, a nenhum bater de asas? Decerto, diz Nietzsche, que o homem pode tornar-se grande desse modo. No entanto, como estaria assim afastado das mais belas casualidades da alma. Por outro lado, o homem tampouco pode dar livre vazão aos seus instintos naturais, pois, desse modo ele seria, como diz Platão, uma espécie de tonel furado, que nunca encontra saciedade. (Cf. PLATÃO. 2002, 493b, p. 195) Autodomínio tem originariamente o sentido de domínio sobre si mesmo, mas não através da razão que teria o poder de controlar os instintos e as paixões do corpo. O domínio sobre si significa poder dar uma direção aos afetos, o que pressupõe a escuta, o pertencimento, o mando e a obediência à transcendência, à

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

própria afecção, que é outro nome para dizer vontade, conforme já mostramos acima quando falamos no jogo de mando e obediência.

Domina, portanto, aquele que obedecendo acolhe e, ao acolher, transfigura, dá direção, torna visível. Pois aquilo a que se obedece é só um aceno, um indício, uma perspectiva, mas não é nada feito ou já constituído. Tem domínio sobre si o que é inocente, o que tem o coração-criança, o homem criador de si mesmo, que já superou o impetuoso e juvenil rugido do leão com o seu “eu quero”, cujo querer significa impor avidamente domínio e controle sobre a vida. Essas dimensões leão e criança, assim como também camelo, são dimensões, estruturas da vontade, que vêm e vão como ondas. E com que avidez a onda se eleva e se aproxima dos mais íntimos cantos da falésia, diz Nietzsche. E como em seguida ela recua, mais devagar, ainda branca de agitação, como se estivesse desiludida. E logo “vem outra onda, ainda mais ávida e bravia que a primeira... assim vivem as ondas — assim vivemos nós, seres que têm vontade!” (NIETZSCHE, 2001, § 310, p. 209)

Nesta passagem ele usa as palavras *Welle* (onda) e *Wille* (vontade), dando um efeito poético ao texto para destacar o segredo fundamental da vida. A vida se revela então como esse avanço e recuo da vontade, como ondas que, ao avançar, parecem querer encontrar nas fendas das falésias algo de valor, como uma espécie de tesouro que se procura conquistar, mas que logo recuam devagar e, ao que parece, desiludidas, para que uma nova onda se repita com avidez ainda maior. E para que essa repetição sem sentido, esse avanço e recuo que não repousa? Não seria essa pergunta, contudo, inoportuna? Não seria o perguntar por um sentido na repetição já sinal de declínio, decadência, ruína, doença? Não estaria o sentido na própria repetição? Querer essa repetição, a repetição do querer inútil, não seria aquela, a maior de todas as vantagens, apontada acima pelo homem do subsolo?

Sim, pois vida é repetição e por isso é tarefa, trabalho. Gide considera que em “Memórias do Subsolo” Dostoiévski desenvolve a ideia fundamental, que será como uma chave para todas as suas grandes obras, que é a ideia de que o homem inteligente é quase incapaz de agir, de que aquele que pensa não age, ou ainda que pode mesmo chegar a agir, mas quando age mostra-se incapaz de suportar a sua ação ou é destruído por ela, sendo o homem medíocre o que propriamente age, embora venha a realizar a sua ação sob a influência do primeiro, conforme podemos ver, por exemplo, com Piotr Stiepanovitch, que age sob a influência de Stavróguin, e com Smierdiakóv, que age sob a influência de Ivan. (Cf. GIDE, 1970, p. 133-134)

O homem do subsolo também parece confirmar esta ideia e diz que está enfadado e que não faz nada. No entanto, ele anota as suas memórias, “...e o ato de anotar é de fato como que um trabalho. Dizem que o trabalho torna o homem bom e honesto. Bem, aí está pelo menos uma probabilidade favorável.” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 54) As suas anotações, que são as suas memórias, as memórias do seu subsolo, são as memórias de uma consciência hipertrofiada. Mas o que seria isto, a consciência hipertrofiada? Não se trata, conforme possa parecer a princípio, simplesmente de uma espécie de hamletismo do homem do subsolo, entendido no sentido de que o excesso de consciência incapacitaria o homem para a ação.

A consciência hipertrofiada é assim descrita pelo homem do subsolo: “E o principal, o fim derradeiro, está em que tudo isto ocorre segundo leis normais e básicas da consciência hipertrofiada, de acordo com a inércia, decorrência direta dessas leis, e, por conseguinte, não é o caso de se transformar; simplesmente não há nada a fazer.” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 20) Isto, no entanto, não parece confirmar a ideia do hamletismo? Conforme mostra Joseph Frank, Dostoiévski dá uma guinada especial ao hamletismo, compreendendo-o em “Memórias do Subsolo” em relação com a paródia de Tchernichévski, procurando mostrar como o conhecimento

“Memórias do subsolo”: um experimento filosófico-psicológico com liberdade

CORDEIRO, Robson Costa

de sua ideia do determinismo natural acaba levando o homem à total impotência. (FRANK, 2018, p. 504)

Se eu desejo, por exemplo, perdoar alguém que me deu uma tapa no rosto, diz o homem do subsolo, ao pensar nessa lei eu não o conseguiria perdoar nem esquecer, pois se ele me bateu segundo as leis da natureza, não se pode, por isso, perdoar as leis da natureza, nem tampouco esquecer, “pois, ainda que se trate de leis da natureza, sempre é ofensivo.” (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 21) Tampouco, diz ele, eu poderia me vingar, pois como poderia haver vingança quando não há culpado. O resultado disso tudo é a inércia consciente. Continua a haver, contudo, o senso de dignidade, próprio da liberdade humana — o que aqui marca a distinção do hamletismo — que leva o homem a sentir repulsa e raiva ao ser esbofeteado, mesmo que a razão venha a lhe dizer que a culpa ou indignação são irracionais. O homem do subsolo, portanto, leva, em suas memórias, ao absurdo as ideias do homem de ação, daquele que procura agir a partir dos preceitos do egoísmo racional e que acaba confirmando, a partir da própria repulsa que passa a sentir, o senso de dignidade e a liberdade.

É certo que ele também se revela dominado pela impotência e pela inércia consciente, especialmente na segunda parte, intitulada “a propósito da neve molhada”, na qual relata algumas de suas memórias de juventude, conforme já mostramos acima quando nos referimos especificamente a uma dessas memórias, ou seja, ao episódio da vingança imaginária do homem do subsolo contra o oficial. Nestas memórias de juventude, conforme mostra Joseph Frank, se revela toda a dialética da vaidade do homem do subsolo, que acaba levando-o à alienação de toda fraternidade social, do mesmo modo que na primeira parte a dialética do determinismo acabou por dissolver a possibilidade da ação humana. Como está convencido de sua superioridade frente aos demais homens, o homem do subsolo passa a desprezar a todos. No entanto, como deseja que essa superioridade seja reconhecida por todos, ele passa a odiar o mundo por ser indiferente em relação a ele, assim como também passa a ter aversão por si mesmo devido a sua dependência humilhante dos outros. (Cf. FRANK, 2018, p. 518) Esta dialética psicológica da vaidade acaba impedindo-o de manter relações sociais com quem quer que seja, enclausurando-o no seu subsolo, na sua consciência hipertrofiada.

E para finalizar, façamos aqui mais uma aproximação com Nietzsche, que entende que para um homem nobre a vaidade é a coisa mais difícil de compreender. Segundo ele, “o vaidoso se alegra de cada opinião boa que ouve sobre si... assim como sofre de cada opinião ruim: pois ele se submete a ambas, ele se *sente* submetido a elas... — é o ‘escravo’ no sangue do vaidoso, um vestígio da manha do escravo...” (NIETZSCHE, 1992, § 261, p. 176) O homem nobre, mostra Nietzsche, vai considerar um problema imaginar homens que procuram criar a respeito de si uma opinião boa, que eles mesmos não têm e não merecem, passando depois a acreditar nessa boa opinião. Este tema da vaidade humana, no entanto, é por demais grandioso, merecendo ser objeto de uma análise mais profunda. A dialética da vaidade permanece encoberta, subterrânea, oculta na alma do homem do subsolo, devendo ser escavada em uma futura reflexão. Coloquemos aqui, portanto, um ponto final no que se recusa a acabar.

REFERÊNCIAS

ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. **Os pensadores originários**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1999.

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os demônios**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2001.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: Um escritor em seu tempo**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- GIDE, André. **Dostoïevski**. Paris: Gallimard, 1970.
- HEIDEGGER, Martin. **Heráclito**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. O princípio da identidade. In: **Identidade e diferença**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- KLEE, Paul. **Diários**. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LUKÁCS, Georg. **Introdução à publicação alemã de “O que Fazer?” de Tchernichévski (1951)**. Tradução de Gabriel S. Philipson. Revista Artefilosofia, nº 22, julho de 2017, p. 4-29.
- MELO NETO, João Cabral de. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Correspondencia V (enero de 1885-octubre 1887)**. Traducción, introducción, notas y apéndices de Juan Luis Vermal. Madrid: Editorial Trotta, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução de Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos (1884-1885)**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos (1887-1889)**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: Uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PLATÃO. **Górgias**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2002.
- ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.